

## ***Viva o Centro Fortaleza: um estudo sobre a ocupação dos espaços públicos da cidade de Fortaleza e seus desdobramentos culturais***<sup>1</sup>

Bárbara Rodrigues Nogueira GEORGE<sup>2</sup>

Antônio César da SILVA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **RESUMO**

Este trabalho propõe uma análise dialógica sobre a cidade e a ocupação de seus espaços públicos. Com enfoque na cidade de Fortaleza, no Ceará, o artigo pretende traçar, sob conceitos e exemplos, a relação da população com seu lugar de morada. A ação *Viva o Centro Fortaleza* surge como objeto de pesquisa, ilustrando a tentativa de aproximar e afetar os cidadãos a ocuparem a cidade, em especial seu Centro, tangenciando seu uso a lógicas culturais e educativas e o qualificando para além da dinâmica comercial.

**PALAVRAS-CHAVE:** cidade; ocupação; espaços públicos; *Viva o Centro Fortaleza*.

### **1. INTRODUÇÃO**

A cidade pulsa, vive, age e reage aos estímulos que recebe de seus habitantes. Ao que parece um processo cíclico, a cidade volta a conter os passos apressados em pausas necessárias no dia a dia para tomar um sorvete ou uma água de coco na praia. O olhar, antes peregrino, fixa atenção em telas de cinema por duas horas ou mais e ainda para em algum café para comentar sobre o filme com amigos. Praças e parques revitalizados na tentativa de atrair público, crianças andando de bicicleta e vendedores de pipoca e algodão-doce voltam a ocupar posições de destaque. As pessoas, enfim, saem de casa e vivem a cidade e o que ela tem a oferecer. Sobre a cidade, Catherine Bidou-Zachariasen afirma que:

Os corações da cidade são hoje objeto de dinâmicas múltiplas e de reinvestimentos importantes, tanto de parte dos atores políticos e econômicos, como dos atores sociais. A cidade agora está no coração da economia mundial. Longe de ter feito desaparecer os efeitos da localização, o desenvolvimento das redes de comunicação multiplicou os espaços onde circulam os bens, pessoas, serviços e capitais. Todos os observadores reconhecem que esta evolução favoreceu antes de tudo as grandes metrópoles. Parece que a idade de ouro das cidades voltou. (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006, p.21)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante recém-graduada do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará, email: [babigeorge@gmail.com](mailto:babigeorge@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará, email: [cedasilva.ufc@gmail.com](mailto:cedasilva.ufc@gmail.com)

É tempo de viver a cidade, refinar o olhar e passar a observar mais a paisagem, os atos e os gestos do cotidiano. Na cidade, habitam individualismos e coletivismos, é lugar de passagem, mas também de parada. É construída pelas teias e enlaces de várias histórias que a tomam de vida e a constroem no campo da afetividade.

A cidade é concebida como um objeto temporal [que] possui a possibilidade de absorção de todas as histórias dos grupos humanos que por ali passaram tanto quanto de dissolução de seus signos culturais, os quais se tornam, aqui, objetos etnográficos, ou seja, pré-textos para a geração de novas histórias a serem narradas (ECKERT; ROCHA, 2005, p. 161).

Michel Certeau (2004) pensava nas atividades realizadas em um espaço como qualificadoras, dotando esse espaço de sentido e tornando-o um lugar. O autor defende que o que é realmente importante é a “multiplicidade dos modos de apropriação do espaço praticado, valorizando as relações entre o espaço privado e o espaço público, os percursos empreendidos pelos usuários para passar de um ao outro” (p.93).

Apesar das relações de proximidade alinhadas às atuais movimentações culturais em torno da cidade, não se pode negar a perspectiva na qual a tecnologia está inserida, tornando essa relação conturbada a certa maneira. As relações entre o indivíduo e cidade passam por mudanças significativas no contexto da pós-modernidade e enfrentam a inserção das novas tecnologias.

Para Jesus Martín-Barbero (1998), a descorporização da cidade está relacionada diretamente ao fluxo cada vez maior das imagens, substituindo as trocas de experiências entre as pessoas. Simultaneamente à abertura dos espaços de sentido possibilitado pela tecnologia (LEMOS E LEVY, 2010), houve também transformações no que diz respeito à nossa relação com a cidade e com outras pessoas.

A heterogeneidade simbólica da cidade, quase impossível de ser alcançada, tem sua expressão mais correta nas mudanças que atravessam não só os modos de experimentar o pertencimento ao território como também as formas de viver a identidade. Mudanças que se encontram senão determinadas, ao menos fortemente associadas às transformações tecnoperceptivas da comunicação, ao movimento de desterritorialização e

internacionalização dos mundos simbólicos e ao deslocamento de fronteiras entre tradições e modernidade, entre local e global, entre cultura letrada e cultura audiovisual. (MARTÍN-BARBERO, 1998, p.53-54)

Para entender melhor como se constrói essa teia de relações (indivíduo-indivíduo; indivíduo-grupo; indivíduo-cidade; grupo-cidade), há que se ater à forte presença da cultura. Baseado nos estudos de Neri de Paula Carneiro (2009), pode-se inferir que a cultura identifica o homem, o põe em sociedade, promove a adaptação do homem e suas respostas aos desafios existentes e aos criados por ele mesmo, sendo o homem um ser que cria e reformula o sentido das coisas e de si mesmo. Forma-se e se desenvolve a partir daquilo que produz, por isso é um ser cultural. Para Lúcia Santaella (1996):

[...] aquilo que pode melhor caracterizar as concepções semióticas da cultura é a ênfase que se coloca na relação entre cultura e comunicação, até o ponto de se chegar, inclusive, a identificar a função de ambos os termos uma vez que os fenômenos culturais só funcionam culturalmente porque são também fenômenos comunicativos. (SANTAELLA, 1996:29)

A cultura dá margem para a análise do homem dentro do universo social e sua interação e relação com os outros homens e com o espaço em que vive. O espaço urbano – a cidade – do mundo moderno parece ser reformulado face ao desejo por fluxo. Os lugares são reformados para que as pessoas sigam e não que parem, mas para que transitem entre dois pontos. É na cidade que se encontra a riqueza social e onde há as trocas sociais. Essas trocas, que até bem pouco estavam substituindo o espaço real pelo meio digital, passam a ganhar força novamente nos espaços físicos de sentido, ganham amplitude e potencializam-se frente às possibilidades oferecidas nos espaços-sofwares. Muitas vezes, o meio virtual funciona como ponte para divulgação de eventos, encontros e tantos outros dispositivos que levam o mesmo indivíduo inserido em um espaço cibernético a viver a cidade e seus espaços físicos também.

A cidade é um espaço onde estão estabelecidas fortes relações e interações entre a sociedade civil, as instituições públicas e privadas e as agências governamentais, que constroem e articulam a construção do conhecimento e da informação. O emaranhado de conhecimentos é produzido ativamente ou passivamente pelos agentes da cidade. Para

isso, o tecido urbano dispõe de uma infraestrutura tecnológica digital, para assegurar uma rede de comunicação entre todos os elementos, formando um espaço dos fluxos. Nesse espaço, existe uma organização de ativos que compartilham valores sociais por meio dos fluxos (CASTELLS, 1999).

Ainda sobre a cidade como um espaço de fluxos:

De maneira geral, esse intercâmbio imaterial se aproxima também da tipologia apresentada por Castells (1996), que apresentou o conceito de cidades como o espaço dos fluxos. Segundo o conceito de Castells, o espaço citadino é permeado por um fluxo articulado da cibernética, que automatiza o processo informacional, aproximando todos os agentes presentes das localidades, pois derruba a barreira temporal e territorial. Pensar na arte da rede implica não só pensar nos trabalhos que intervêm nos fluxos informacionais, mas também em seus proponentes e no modo como refletem a grande rede que é hoje a cidade contemporânea. Mapas de percursos imprevisíveis são situações muito mais relacionadas ao movimento do que aos lugares. Como o viajante do labirinto, perde-se a visão global e panorâmica do espaço total a ser percorrido e é só por intermédio da experiência vivida que se recuperam os sentidos. (TRAVISANI, 2009, p.3 apud MELLO, 2002)

Pensando a relação da cidade com seu centro e deste com os habitantes, observa-se em Fortaleza, capital do estado do Ceará, a criação, já no século XX, do Centro como local de consumo principalmente da população de menor poder aquisitivo, estimulando o crescimento do comércio informal, seguindo uma organização do espaço urbano que mantém o centro como pólo comercial.

Chama-se a atenção para a criação de um fluxo de transeuntes e consumidores das classes de menor poder aquisitivo, pois se acredita ser ele o viabilizador maior do comércio ambulante, o qual vai ter como “público base” este segmento da sociedade. (DANTAS, 1995 p.82-83)

Este trabalho propõe pensar a relação que vem sendo tecida ultimamente das pessoas com a cidade de Fortaleza, no Ceará. Coração da cidade, o Centro aparece como destino primordial para entender a construção desses laços, por isso trata-se, aqui, como objeto de pesquisa o movimento *Viva o Centro Fortaleza*. Apontado como importante ação de

mediação, o projeto reflete o rearranjo urbano que abandona a imagem do Centro pensado para uma dinâmica comercial e passa a creditá-lo vivências e laços sociais, apresentando como objetivo principal a valorização do Centro sob o aspecto cultural e promovendo uma melhor qualificação do uso e preservação dos espaços públicos.

## 2. VIVA O CENTRO FORTALEZA

O projeto *Viva o Centro Fortaleza*<sup>4</sup>, objeto do presente estudo, tem como objetivo valorizar o centro da cidade de Fortaleza sob as prerrogativas da arte e cultura. Com programações que perpassam por inúmeros equipamentos e lugares de fruição cultural como museus, teatros e praças, a programação se estende por três turnos, alcançando públicos das mais diferentes faixas etárias.

Segundo o portal web do Governo do Estado do Ceará, a ação, que já contou com 10 edições realizadas em Terras Alencarinas, surgiu no dia 23 de maio de 2015 e conta com atividades mensais aos sábados desde então. A ideia é reforçar a variedade encontrada no centro da cidade, acessível a todos, convidando a população a exercer o direito à cidade e valorizar a produção artística cearense, viabilizando também o pleno exercício dos direitos culturais.

Já na primeira edição, a proposta procurou repensar a ocupação dos espaços e expandir o alcance de programações antes restritas a determinados grupos sociais, contando com programação infantil, concertos de música erudita, oficinas e exposições artísticas. As atividades espalharam-se por espaços como o Passeio Público (icônica praça da cidade), Museu do Ceará e Sobrado Dr. José Lourenço.

A organização do projeto muda a cada nova edição, reforçando o sentido de colaboração. Rotulada como área comercial, o Centro de Fortaleza apresenta inúmeras possibilidades de

---

<sup>4</sup> De acordo com o portal online do Governo do Estado do Ceará, o *Viva o Centro Fortaleza* é uma realização colaborativa entre a Associação dos Guias Turísticos (Agir); Associação dos Produtores do Ceará (Prodisc); Café Passeio; Casa Fora do Eixo Nordeste; Centro Cultural do Banco do Nordeste do Brasil (CCBNB); Centro Cultural do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Ceará (Crea-CE); Espaço Cultural Correios; Espaço Cultural Escritório Poeta Mário Gomes; Feira de Cordel; Instituto Cultural Anima; Museu da Indústria/SESI/FIEC; Programa Fortaleza a Pé; Secretaria Regional do Centro de Fortaleza (Sercefor); Salão das Ilusões; 10ª Região Militar e Secretaria Estadual de Cultura, por meio de seus equipamentos Cine Teatro São Luiz Fortaleza; Biblioteca Pública Espaço Estação; Museu do Ceará; Sobrado Dr. José Lourenço; Teatro José de Alencar; Teatro Carlos Câmara e Casa de Juvenal Galeno.

cultura e lazer, porém até então pouco exploradas. Por isso, preocupados em atrair público para seus espaços, os gestores dos equipamentos culturais da região criaram a ação “Viva o Centro” para estimular a circulação e participação de pessoas em seus eventos.

De acordo com informações do Governo do Estado do Ceará disponibilizadas por meio do site oficial, há reuniões regulares desde janeiro de 2016, nas quais o projeto reestrutura a programação e logística de cada mês. O reforço é para que os equipamentos e produtores culturais participantes proponham atividades de acordo com suas possibilidades, sem apegar-se a grandes investimentos financeiros. Cada entidade envolvida faz sua programação e se articula com as demais para montar um programa integrado, estimulando o público a permanecer no centro participando das múltiplas atividades oferecidas.



Fig.01 – Oficina realizada durante ‘Viva o Centro’



Fig.02 – Programação Infantil durante ‘Viva o Centro’

### 3. APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS E PRIVATIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS PÚBLICOS

A rua, a praça, o parque. Em Fortaleza, espaços tidos como públicos aparecem em ocasiões de privatização, tolhendo o cidadão do seu direito à cidade. Como exemplo, temos o *Lá Fora Food Park*, evento que em tese buscava estimular a comida de rua, mais barata que as lanchonetes convencionais, mas que foi *gourmetizado*<sup>5</sup> e transformado em um momento para ser compartilhado entre pessoas de classe social mais alta, com os famosos Food Trucks (espaço móvel que transporta e vende comida), tendência no cenário gastronômico atual.

<sup>5</sup> Segundo o artigo “O que é gourmet?” do blog Me Explica, o termo gourmet está associado a um ideal cultural nas artes culinárias para designar um prato, um ingrediente ou preparação que seja “refinado”

A estrutura dos *Food Trucks* é simples, com pouco espaço para atendimento e cozinha, o preparo dos alimentos é feito na hora e o ato da compra é realizado através de um balcão presente no próprio carro/caminhão. De acordo com o portal Petit Gastro, a ideia de um *food truck* é vender comida boa, simples, rápida e barata, para uma população que cada vez come mais na rua, tem menos tempo, e procura economizar o seu dinheiro ao máximo.

Assim como a comida de rua é fonte regular de renda para milhares de pessoas, é também um meio de alimentação fora de casa para pessoas com baixa renda, porém, assim como inúmeros *Food Trucks* por aí, o ‘Lá Fora’ passou por um processo de *gourmetização*, oferecendo um alto custo para o consumo de seus alimentos. Quando comparados a comida de rua tradicional, os *food trucks* se diferenciam pela posse de um veículo customizado com a identidade visual da marca, comunicação visual chamativa e um layout refinado.

De acordo com informações do portal G1, o ‘Lá Fora’ já contou com 5 edições e acontece no estacionamento do Shopping Iguatemi de Fortaleza. Natural causar certo estranhamento ao pensar a realização de um evento desse porte em um estacionamento de shopping, ferindo os principais conceitos de comida de rua. Preocupa observar a apropriação inversa, que acaba por elitizar hábitos e costumes populares.

Assim, é possível supor que o fato de comer na rua, ou levar a marmita ao trabalho, como demonstrado por Garcia (1997), seja ainda compreendido como uma prática a ser repudiada pela maioria, justamente pelo seu início ser marcado pela ideia de falta de higiene e pobreza. Esse traço já seria notado, pois “era vergonhoso para uma pessoa de prestígio fazer uso de tais comidas em público, fazendo-se necessária, muitas vezes, a clandestinidade para aqueles que quisessem saboreá-las” (FERREIRA FILHO, 1999, p. 245-246)

Outro evento que seguiu pelo mesmo caminho foi o Fartura Fortaleza, realizado na Praça das Flores da cidade. O ‘Festival Fartura’ é um projeto nacional que passa por inúmeras cidades do Brasil. Segundo informações disponibilizadas pelo Jornal Diário do Nordeste, o evento conta com alguns dos melhores chefs do país, além de espaços interativos, aulas, produtos e produtores, envolvendo mais de 100 profissionais da gastronomia de diferentes estados brasileiros.

O evento, com sua segunda edição realizada nos dias 21 e 22 de maio de 2015, cobrou ingresso no valor de R\$ 15,00 e, na opinião do vereador João Alfredo: “Essa cobrança descumpra a legislação e a compreensão de que a Praça é um bem de uso comum, e que portanto não se pode cercear a entrada das pessoas”. Nesse caso, o ato de cobrança dos ingressos tornou a privatização e elitização da praça ainda mais explícita e cheia de problematizações que o presente trabalho não pretende aprofundar-se. Sobre a dicotomia público x privado, pode-se inferir que:

Tal afastamento da rua marca a separação entre o espaço público e o espaço privado, no qual o conforto da intimidade - o espaço privado - se oporá ao espaço público da rua, agora glamourizado pelas intervenções urbanísticas e novos comportamentos que elas induzem. Nos prédios, no traçado das avenidas e das praças, constroem-se retratos de um novo modo de viver. (PERTILE; GASTAL; GUTERRES, 2012, p.3)

Na contramão de tantas privatizações, surgiu o projeto Viva o Centro Fortaleza, objetivando a ocupação do centro da cidade pelos mais variados públicos, sem distinção por classe social, cor, gênero ou qualquer outro meio segregador. A intenção, aqui, é movimentar os equipamentos culturais e criar o hábito no fortalezense de viver sua cidade e conhece-la tão bem como, por vezes, os turistas o fazem. Afinal, para a construção de uma cidade participativa, integrada e viva, é necessário que as pessoas se apropriem dos espaços de convivência - praças, parques ou calçadas - e os tornem verdadeiramente públicos.

A rua, talvez, seja o principal espaço físico em termos de interações sociais e onde se observam as diversidades culturais presentes em determinado local, além da utilização deste espaço, seja pelo comércio e o lazer, ou mesmo a partir das formas residenciais; no seu “complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado” (CORRÊA, 2002, p.7).

O afeto surge, então, como importante disparador das relações construídas na cidade e com ela. Pablo Assumpção – artista, pesquisador e professor - entende o afeto como criação de um lugar coletivo, que é também uma criação de possibilidade utópicas.

Se pensarmos a partir de um contexto partilhado, tal como uma cultura ou subcultura, ou uma configuração específica



do "discurso hegemônico", o meu afeto - minha forma de responder a estas estruturas e à demanda destas estruturas sobre o meu corpo - o meu afeto não é só meu como indivíduo. A minha dor, o meu silêncio, a minha raiva, embora me delimitem numa situação cultural partilhada, são na verdade solicitados por esta situação e, portanto, são, a rigor, afetos sociais. Já que os afetos emergem dentro de (e em relação a) estruturas sociais partilhadas, eles podem e devem ser analisados em sua dimensão política. (ASSUMPÇÃO, 2011, p.45)

A partir do movimento ' Viva o Centro', aquele espaço antes comercializado e com baixo fluxo de pessoas com interesse nas atividades culturais disponibilizadas por seus equipamentos aparece como polo educativo e de lazer. Como um resgate do passado, modifica-se a estrutura de um bairro com dinâmica caracterizada pela predominância do comércio popular, guardando relações estreitas com o processo de expansão urbana da cidade e o surgimento de novas centralidades.

Tal fator foi desencadeado a partir da migração de serviços e funções iniciada em meados do século XX. Ao longo deste período, o bairro deixou de constituir-se em local de lazer e moradia das elites locais, especializando-se na função de comércio popular. (SANTOS; SILVA; SILVA, 2011, p.7)

O indivíduo reconfigura-se e ajusta-se a atividades de cunho coletivo, partilhando conhecimentos e revelando-se como parte de um todo. Voltar-se, para si e para o outro, é tarefa árdua e cotidiana.

O corpo sofre, atua, vive e experimenta as vicissitudes da sociedade, do ambiente, da cultura e da passagem do tempo. Ele representa, é potência e decrepitude, uma tragédia humana impossível de ser evitada. Orgânico e psíquico, é também social. Os gestos revelam seu estado de espírito, sua força física, sua delicadeza ou brutalidade. O corpo sente, percebe o mundo e lhe dá significado. Com ele me exponho e também me escondo. Dentro dele eu sou: dor piedade, amor, indignação... Com ele, falo ao mundo, me mostro como desejo, sou flagrada como e quanto não desejo. (ALENCAR, 2011, p.16)

Pôr o corpo em movimento e deixar-se afetar. Ressignificar rotas e retirá-las da rotina habitual. Museus, Centros Culturais, Praças e Parques ganham um novo sentido e apontam para uma multiplicidade de agentes colaborativos.

#### **4. AFETAMENTO CULTURAL NAS RUAS DA CIDADE**

O projeto *Viva o Centro* propõe “a arte como transformação do pensamento em experiência sensível da comunidade” (RANCIÈRE, 2009). Sua realização desmistifica as prerrogativas que Roberto Da Matta confere à rua. Da Matta (1986) refere-se à rua como um espaço de movimento, na qual não haveria “teoricamente, nem amor, nem consideração, nem respeito, nem amizade” (p.29). Nesse sentido, a rua se veste de individualidade, de impessoalidade, do anonimato, distinto da casa, espaço pessoalizado, acolhedor e íntimo.

Os altos índices de violência que a cidade apresentou no último estudo realizado pelo Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal, do México, com base em dados de 2015, chamou atenção e colocou a população em estado de alerta. Segundo a ONG Mexicana, a capital cearense é cidade mais violenta do Brasil, e a 12ª do mundo. Para Da Matta (1986), a rua aparece como espaço que denota insegurança por receber os mais variados perfis, diferentes entre si, antepondo-se a ideia de que a casa seria um local seguro, por ser o lugar em que encontrariam seus semelhantes.

Apesar dos números alarmantes, Fortaleza recebe diversas atividades gratuitas e mobilizações artísticas como feiras, shows, performances, exposições e outros desdobramentos que movimentam a capital e que já começam a coloca-la no mapa cultural do país. Para Catherine Bidou-Zachariassen:

Nos últimos anos vêm aumentando o número de cidades brasileiras que propõem intervir nos seus centros antigos para recuperar qualidades ou funções que estariam sendo perdidas. No princípio eram pequenas intervenções voltadas principalmente para a revitalização do patrimônio, mas hoje as propostas são mais complexas e articulam projetos de transformações das funções, do uso e do valor do solo. (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006, p.7)

Ao longo de 10 edições, o movimento ‘Viva o Centro’ realizou inúmeras atividades que estimularam o fluxo de pessoas pelos espaços dessa região de Fortaleza e alertou para os vários equipamentos culturais que possuem programação independente e funcionam, em sua maioria, de segunda a sábado. O vínculo emocional com os espaços da cidade perpassam pela história, memória e, sobretudo, vivência. O atual exercício do afeto com um lugar tem tornado os espaços mais vivos, encontrando respaldo em Ranciére que afirma haver uma partilha do sensível, na qual coexistem um comum partilhado e partes exclusivas.

## 5. CONCLUSÃO

Para além das atividades artísticas e culturais disponibilizadas pelo movimento pontual do *Viva o Centro Fortaleza*, a cidade, em especial o Centro, vem sendo ocupado rotineiramente. Espaços antes utilizados apenas como lugar de passagem, hoje exibem com orgulho ocupantes fiéis, como a Praça do Ferreira, o Cine São Luiz, o Passeio Público, o Museu da Indústria, o Salão das Ilusões e tantos outros lugares que emanam vida pulsante.

O projeto, objeto desse trabalho, apresentou-se como disparador e apoiador fundamental para a ocupação do Centro de Fortaleza. Lugar histórico, ainda preserva memórias e reconstrói afetos. Revitalizações são importantes para manter os espaços públicos da cidade em bom estado, mas, primordialmente, faz-se necessária a proposição de incentivos culturais por meio de programações que levem o público a ocupar esses espaços.

O próprio da cidade é seu avanço voraz, seu não reconhecimento de fronteiras, seu esquecimento sistemático das tradições. O urbano é, agora, o dom de harmonizar o oposto, o irreconhecível, o duro, o frágil, o marcado pelas generalizações, o que em si mesmo começa e se acaba. (MONSIVAIS, 1997, p.53)

A cidade é parte fundamental na coletividade de uma sociedade como também em suas particularidades. O rearranjo social aparece na afirmação de Ranciére como a constituição de um mundo sensível comum, uma habitação comum, pelo entrelaçamento de uma pluralidade de atividades humanas.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Marli. **Cidade Corpo**. In O Corpo Implicado. Fortaleza – Expressão Gráfica Editora, 2011.

ASSUMPTÃO, Pablo. **Queimando o filme – performance, gênero, afeto, coletividade**. In O corpo implicado. Fortaleza – Expressão Gráfica Editora, 2011.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. Trad. Helena Menna Barreto Silva. São Paulo: Annablume, 2006.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Vol. 1. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CARNEIRO, Neri de Paula. **Uma antropologia da cultura**. Disponível em: [http://facsao paulo.edu.br/media/files/58/58\\_152.pdf](http://facsao paulo.edu.br/media/files/58/58_152.pdf). Acesso em 09 de julho de 2016.

CERTEAU apud DOSSE, François. **Espaço habitado segundo Michel de Certeau**. ArtCultura, Uberlândia-MG, n. 9, jul-dez. de 2004.

CORRÊA, R.L. **O espaço urbano**. (4a ed.). São Paulo: Editora Ática, 2002.

DA MATTA, Roberto. **O que faz do brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Apropriação do espaço público pelo comércio ambulante: Fortaleza-Ceará-Brasil em evidência (1975-1995)**. Geo. critica - Scripta Nova Revista Eletronica de Geografia y Ciencias Sociales, Barcelona ,v.9 ,n.202.2005. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-202.htm>. Acesso em 09 de julho de 2016.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

FERREIRA FILHO, A.H. (1999). **Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890-1937)**. In Revista Afro-Ásia, 21-22 (pp.239-256). Disponível em: [http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia\\_n21\\_22\\_p239.pdf](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n21_22_p239.pdf). Acesso em 08 de julho de 2016.

LEMES, André; LEVY, Pierre. **O futuro da internet**. São Paulo: Editora Paulus. Ed. 1ª. 2010, 264 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Cidade virtual: novos cenários da comunicação**. Trad. Sílvia Borelli. Revista Margem, da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP. São Paulo: Educ. n.6, novembro de 1997. Disponível em: [http://lccn.ufrj.br/constructore/objetos/Jess\\_Martn\\_Barbero\\_-\\_Cidade\\_Vi.pdf](http://lccn.ufrj.br/constructore/objetos/Jess_Martn_Barbero_-_Cidade_Vi.pdf). Acesso em 10 de julho de 2016.

MONSIVAIS apud BARBERO. **Cidade virtual: novos cenários da comunicação**. Revista Margem, da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP. São Paulo: Educ. n.6, novembro de 1997. Tradução de Sílvia Borelli. Disponível em: [http://lccn.ufrj.br/constructore/objetos/Jess\\_Martn\\_Barbero\\_-\\_Cidade\\_Vi.pdf](http://lccn.ufrj.br/constructore/objetos/Jess_Martn_Barbero_-_Cidade_Vi.pdf). Acesso em 10 de julho de 2016.

PERTILE, Krisciê; GASTAL, Susana; GUTERRES, Liliane Stanisçuaski. **Comida de rua: relações históricas e conceituais**. IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo, 2012. 14 p.

RANCIÉRE, Jaques. **A partilha do sensível – estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. 2º ed. São Paulo – Editora 34, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTOS, Marlon Cavalcante; SILVA, Eciane Soares da; SILVA, José Borzacchiello. **Dinâmica socioeconômica e a formação de territórios no centro de Fortaleza-CE: o Beco da Poeira e a Feira da Sé**. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal13/Geografiasocioeconomica/Geografiaeconomica/20.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2016.

TRAVISANI apud MELLO, Christine. **Imagens de cidades: redes, fluxos e experiência em obras artísticas.** Disponível em: [www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/6\\_mobilidades/eixos6\\_art15.pdf](http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/6_mobilidades/eixos6_art15.pdf).

Acesso em 05 de julho de 2016.

Matéria de jornal assinada por Beatriz Jucá, publicada eletronicamente: **CULTURA para estimular a circulação no Centro.** Jornal Diário do Nordeste, Fortaleza, 23 de maio de 2015. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/cultura-para-estimular-a-circulacao-no-centro-1.129876>. Acesso em: 10 de julho de 2016.

Matéria de portal institucional não assinada, publicada eletronicamente: **PROJETO** ‘Viva o Centro’ promove 9ª edição da maratona cultural neste sábado (11). Portal Governo do Estado do Ceará, Fortaleza, 07 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.ceara.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/16902-projeto-viva-o-centro-fortaleza-promove-9o-edicao-da-maratona-cultural-neste-sabado-11>. Acesso em: 10 de julho de 2016.

Matéria de blog assinada por Isabela Cordaro, publicada eletronicamente. **O QUE é gourmet?**. Blog Me Explica. Disponível em: <http://meexplica.com/2014/11/o-que-e-gourmet/>. Acesso em: 11 de julho de 2016.